

Arte e educação estética como movimento instituinte: perspectivas para a formação do pedagogo

*Art and Aesthetic Education as an instituting movement:
perspectives for Pedagogue formation*

Adrienne Ogêda Guedes¹, Letícia Serafim²
Luciana Cunha Lauria da Silva³, Silvana Vianna⁴

Resumo

Este artigo apresenta as ações de extensão e pesquisa do Projeto “Corpo, arte e natureza: investigando metodologias de formação de professores”. Nossas ações sustentam-se nos estudos da dimensão estética da educação (DUARTE JR, 2004; FERREIRA, 2011; SOARES, 2008). A partir das investigações referentes ao campo da educação estética e do diálogo entre arte e educação, elaboramos um conjunto de oficinas e curso de extensão com o objetivo de sensibilizar os participantes para as possibilidades de exercício da própria criatividade por meio de experiências artísticas e de ampliação do conhecimento do corpo e de suas possibilidades de movimento, relacionando tais vivências com os sentidos envolvidos na aprendizagem e formação do professor. Assim o presente trabalho apresenta os resultados parciais desta atividade de extensão que constitui-se também em pesquisa-ação realizada no ano de 2016 em pólos de educação à distância do convênio CEDERJ-UniRIO. Percebemos que o desafio dos professores em formação é o de sensibilização para uma prática educativa que os proporcione alcançar, de forma progressiva, através de reflexões, pesquisas, análises, estudos e experiências o entendimento sensível de sua prática cotidiana visto que a educação só é significativa quando humaniza, liberta e proporciona amplitude da visão e da leitura do mundo. Neste sentido, este trabalho se entrelaça ao objetivo 4 da agenda 2030 da ONU pois, demonstra que ao perceber a educação como humanização do indivíduo o professor relaciona sua prática ao sentido da educação estética que tem como intuito a construção dos sentidos humanos que levem a uma aprendizagem relevante. Ao proporcionar o desenvolvimento da sensibilidade, tem-se como perspectiva levar a aprender a ver, ouvir, sentir, pensar e refletir o mundo por meio da educação estética pois, o simples exercício da atividade estética faz repensar a lógica da realidade, dos relacionamentos e dos sentimentos que estão atrelados à aprendizagem.

Palavras-chave: Formação estética, Arte e educação estética, Formação do Pedagogo

Abstract

This work brings the results of project "Body, art and nature: investigating methodologies of teacher's formation". Our actions are based on studies of aesthetics' dimension of education (DUARTE JR, 2004; FERREIRA, 2011; SOARES, 2008). From the researches related to the field of aesthetic education, and the dialogue between art and education, we elaborated a set of workshops and an extension class with the goal of sensitizing participants to all possibilities of exercising their own creativity through artistic experiences, and learning knowledge about their own body, and other possibilities of movement, relating that experiences with senses' practices of teacher's learning and formation. Thus, the present study brings the partial results of this extension's activity, which also actions research of 2016 in distance education centers of the CEDERJ-UniRIO. We perceive the challenge of teachers in formation is how to raise awareness of an educational practice that allows them to progressively achieve through reflection, research, analysis, studies and experiences a sensible understanding of their daily practice, since education has meaning only when it's humanized, liberating, and provides a large vision and understanding of our world. In this sense, this work intertwines with objective four of the United Nations Organization's 2030 agenda, because it shows education as humanization of everyone, the teacher relates their practice to the sense of aesthetic education, that aims at the construction of human senses that lead to a learning process. By providing the development of sensitivity, that has as a perspective to lead of learning to see, hear, feel, think and reflect the world through aesthetic education; the simple exercise of aesthetics' activity, leads to rethinks reality's logic, relationships and the feelings that are connected to learning.

Keywords: Aesthetic formation. Art and aesthetics' education. Pedagogue's formation.

¹ Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - Rio de Janeiro/RJ, Brasil.
Departamento de Didática - Escola de Educação (UNIRIO)
e-mail: adrienne.ogeda@gmail.com
² e-mail: leticiaserafimlima@gmail.com
³ e-mail: lulucaslauria@gmail.com
⁴ e-mail: silvana_vianna@yahoo.com.br

Introdução

Esse artigo expõe o trabalho desenvolvido no âmbito do projeto de extensão “Corpo, Arte e natureza: investigando metodologias de formação de professores” realizado pelo Grupo de pesquisa FRESTAS (Formação e Resignificação do Educador: Saberes, arte, troca e sentidos), alinhado aos objetivos da agenda 2030 da ONU que propõe 17 objetivos mundiais a serem atingidos para tornar o mundo melhor para todos. A formação de professores na interface com a Educação Estética é o tema central de investigação do nosso grupo. A proposta em cena se caracteriza por sua dupla dimensão – pesquisa e extensão –, e teve como objetivo explorar metodologias de formação docente que tomassem as artes como eixo central. Em sua dimensão de pesquisa visa investigar e propor metodologias de formação, tendo como principais fontes as experiências formativas no campo da arte e educação desenvolvidas em 2016 nos pólos de Ensino à distância coordenados pela Unirio. Em sua dimensão de extensão objetivou construir um espaço formativo com os discentes do Curso de Pedagogia desta modalidade por meio de atividades de Educação estética.

Em 2016 oferecemos um conjunto de oficinas e um curso de extensão em três pólos do Ensino a distância do convênio UniRIO/CEDERJ: Volta Redonda, Barra do Piraí e Saquarema. Nosso objetivo visava articular as experiências vivenciadas nas oficinas que propunhamos às referências teóricas estudadas no curso de graduação e as práticas profissionais dos participantes (muitos já atuavam como docentes). Para tanto garantíamos espaços destinados a compartilhamento de experiências em todos os encontros. Outro aspecto que caracteriza nossa metodologia de formação consistia em iniciar os encontros – não apenas nos inícios, mas, sobretudo neles – trazendo alguma produção cultural que sensibilizasse o grupo. Poesias, crônicas, trechos de filmes (ou mesmo alguns completos), músicas, fotografias, etc. O canal da sensibilidade, ao ser tocado, abre o campo de trocas entre nós. A mobilização dos sentidos, dos afetos, fornecem pistas preciosas a respeito da necessária integração razão-emoção.

Para Duarte-Jr (2004) vivemos um tempo em que o conhecimento racional tem se afirmado como único legítimo, sendo fundamento do discurso científico hegemônico. O autor considera a Ciência como maior produtora de verdades, e baseando-se nela a cultura ocidental moderna renega as dimensões não racionais do ser humano, fragmentando assim razão e sensibilidade, pensamento e emoção, cognição e afeto, apropriação e criação. Considerando o ser humano como ser complexo, cuja inteireza (Duvidovich, 2017) se encontra na articulação das esferas consciente, inconsciente, racional, sensível, corporal, intuitiva, espiritual, é urgente pensarmos uma formação que possibilite aos indivíduos uma conexão mais profunda entre elas, ensejando práticas que as escutem, estimulem e valorizem.

As investigações do projeto transcorreram em estreita articulação entre as propostas vivenciais e o referencial teórico que o grupo foi construindo. A experiência de desenvolvimento de uma metodologia de formação calcada em vivências no campo das artes trouxe resultados expressivos, mobilizando os participantes de modo significativo, o que pudemos verificar a partir dos depoimentos, registros das experiências e outros instrumentos adotados na pesquisa. Reunimos ao longo das oficinas e curso de extensão, imagens, produções dos professores e depoimentos que temos tomado como fontes de pesquisa ao longo

desse projeto. Nesse artigo apresentamos as concepções de formação e educação estética que sustentam nossas propostas e trazemos as experiências de extensão que realizamos nas oficinas e curso, com vistas a refletir sobre seus efeitos e resultados.

1. Formar professores sem fôrma: desafios dos processos formativos e perspectiva estética na formação

O campo da formação de professores tem sido alvo de nossas pesquisas e ações extensivas. Buscamos compreender os limites da formação inicial e os subsídios necessários ao professor para a construção de sua docência. Interessa-nos, em especial, investigar o lugar da arte e da dimensão sensível na formação do professor.

A sensibilidade é reconhecida como esfera constituinte do ser humano, território de percepção do mundo e da realidade em que se manifesta o sentir; meio pelo qual a consciência se orienta em relação à experiência; forma de conhecimento que passa pelos sentidos, pelo subjetivo, compondo a experiência de estar vivo. O saber sensível é anterior ao racional e é ele a plataforma em que se constroem os significados simbólicos do raciocínio (Duvidovich, 2017). A arte é um dispositivo que alcança e mobiliza a dimensão do sensível, por isso a privilegiamos em nosso projeto.

Somos seres complexos em que não se separam os aspectos bio, sócio e psíquico (MORIN, 2000). Nossas experiências culturais afetam o que pensamos, a forma como vemos o mundo e por consequência vão compondo as lentes com as quais olhamos para a realidade. Portanto trabalhar com a formação de docentes implica considerar as experiências de vida, mobilizar a sensibilidade, afetividade, envolvendo os participantes de forma integral. Compreendemos que a formação docente precisa garantir espaços para a fala, a experimentação, a vivência com os professores, não bastando apenas estudar teoricamente, por exemplo, temas como “a importância da literatura para a formação de leitores na infância”. É preciso ler, fruir, trocar impressões e de forma articulada, estudar sobre os temas em foco. Assim também com as questões ligadas às artes, ao corpo, a música, a dança, etc, experiências de formação que sublinham o lugar das artes na formação de professores, na perspectiva da educação do sensível ou educação estética, que envolve a arte e a amplia.

Compreendemos a educação estética não apenas com relação à criança com quem o professor trabalhará, mas incluindo fundamentalmente as vivências deste professor, pois não há como sensibilizar estando insensível; não há como encantar, provocar, afetar o outro se não se está encantado, provocado e afetado ou se pelo menos, não há abertura para isso. A estética não está atrelada restritamente ao belo e a beleza, já que o que é feio ou que causa repulsa, estranhamento e/ou indiferença também pode ser estético ao provocar questionamentos, deslocar o sujeito e convidá-lo a ver o mundo de uma forma distinta da usual. Assim como o conceito do que é belo ou feio é relativo e não um valor em si, também não assumimos um lugar de suposta superioridade cultural, hierarquização da cultura ou polarização entre cultura culta x cultura popular, que definiriam quais experiências estéticas têm maior relevância. Nossa ideia não é tomar como modelo um refinamento dos sentidos pautado numa qualificação cultural, como se as crianças e os outros professores, nossos pares, não tivessem capacidade de fazê-lo. Ao contrário, uma vez que pensamos o trabalho estético com as crianças e professores nos colocamos nele,

atuando junto, mediando e também vivenciando. Essa estética da qual falamos propõem um retorno aos saberes simples, descritos por Duarte Junior (2000, p. 15):

Deve-se entender a estética em seu sentido mais simples: vibrar em comum, sentir em comum, experimentar coletivamente. Um dedicar-se ao desenvolvimento e refinamento de nossos sentidos, que nos colocam face a face com os estímulos do mundo. A educação do sensível nada mais significa do que dirigir nossa atenção de educadores para aquele saber primeiro que veio sendo sistematicamente preterido em favor do conhecimento intelectual.

O objetivo do projeto está então em partilhar experiências e fomentar a discussão, reflexão e consequente produção de saberes acerca da educação pela arte, sempre pensando numa educação que inclui a sensibilidade na formação humana, pois não dissocia razão e emoção. Os indivíduos são vistos de forma integral e a educação deve contemplar isso ao “promove[r] a formação em todas as suas possibilidades, garantindo a oportunidade de perceber a relação constante entre o pensar e o sentir” (FERREIRA, 2011, p. 14).

Assim a ideia é que, partindo da fruição e criação artística, os professores em formação não só experimentem esse mundo pelos sentidos, como também vivenciem a realidade tendo o sensível como fio condutor, encantando-se com ele e consequentemente, consigo mesmo e com o outro. Larrosa (2014, p. 160) traz em seu conceito de experiência o entendimento de que é experiência aquilo que nos move e afeta. É nessa perspectiva que compreendemos os espaços formativos do projeto.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

As vivências permitem não apenas o conhecimento, como também uma intervenção na realidade que nos é apresentada; oferecem-nos a possibilidade de não somente contemplarmos uma obra, mas também nos relacionarmos com ela e com esse momento vivido em sua inteireza e sensibilidade, percebendo quão gigantes e pequeninas podem ser as relações, dependendo apenas da nossa perspectiva e disponibilidade. É a estética que nos possibilita isso, vista então como “possibilidade de conhecer o mundo e agir sobre ele de maneira dinâmica e dialética” (FERREIRA, 2011, p. 22).

A dimensão do saber sensível, da vivência corporal, de uma formação que integre sensível e inteligível deve estar presente na formação do professor. O professor precisa ser protagonista de vivências que alimentem seus sentidos e ampliem suas percepções, alterando a relação que estabelece consigo mesmo e com o mundo. É necessário que o professor tenha desenvolvida suas sensibilidades, pois só assim poderá dar espaço para que as sensibilidades de suas crianças sejam desenvolvidas, uma vez que concordamos com Duarte Júnior (2010, p. 30-31) ao afirmar que:

"(...) a educação da sensibilidade pressupõe necessariamente uma educação sensível, isto é, um esforço educacional que carregue em si mesmo, em métodos e parâmetros, aquela sensibilidade necessária para que a dimensão sensível dos educandos seja despertada e desenvolvida. A educação precisa ser suficientemente sensível para perceber os apelos que partem daqueles a ela submetidos, mais precisamente de seu corpo, com suas expressões de alegria e desejo, de dor e tristeza, de prazer e desconforto. Porém, "a educação" é apenas uma abstração, um genérico quase fantasmagórico, o produto total do exercício cotidiano de inúmeros educadores, estes sim, concretos e viventes. De onde se depreende que, na realidade, uma educação do sensível só pode ser levada a efeito por educadores cujas sensibilidades tenham sido desenvolvidas e cuidadas, tenham sido trabalhadas como fonte primeira dos saberes e conhecimentos que se pode obter acerca do mundo."

Apostamos em espaços de formação que potencializem as singularidades, os saberes, o olhar sensível, as narrativas, a escrita, a reflexão e a sensibilidade de cada sujeito. Sabemos das complexidades de ser docente, e é exatamente por isso que precisamos dos profissionais imersos nos espaços de formação que devem ser garantidos por políticas públicas, possibilitando e garantindo tempo para que uma cultura de formação seja construída, dentro de diferentes espaços e que sejam de fato, locais para reflexão, experimentação, conhecimento de si. Que identidades dos professores sejam construídas e desconstruídas, e principalmente, que possamos construir juntos um entendimento coletivo das nossas especificidades, para que assim consigamos uma reformulação de nossas práticas, tendo a instituição também como lócus de formação, já que lá é o maior campo de estudo.

2-Oficinas e Curso de extensão: as atividades propostas, o perfil dos participantes e resultados parciais do projeto.

Tomando a concepção de formação exposta até aqui, nosso grupo de pesquisa e extensão desenvolveu no primeiro semestre de 2016 três oficinas livres de 4 horas de duração para 46 discentes de licenciatura em Pedagogia de três pólos de Educação a distância, a saber: Barra do Piraí, Saquarema e Volta Redonda. No Segundo semestre selecionamos um dos pólos para propor um aprofundamento das experiências vividas na oficina e realizamos o curso de extensão "Corpo, Arte e Movimento: Arte e Educação na Formação Docente" envolvendo 25 participantes. O objetivo central do curso foi oferecer aos estudantes de pedagogia, tutores do curso de Pedagogia da modalidade à distância e professores convidados do Município de Saquarema, experiências no campo das artes e do corpo. O curso foi realizado em dois módulos presenciais de carga horária total de 16 horas mais 16 horas de atividades a distância, totalizando 32 horas. As atividades não presenciais envolveram planejamento de ações referentes ao que foi trabalhado no curso para serem desenvolvidas em escolas e outros espaços educacionais, bem como leituras dirigidas e atividades de experimentação estética que deveriam ser registradas e compartilhadas online entre o grupo de participantes por meio de uma página criado por nós na rede social (Facebook).

Tínhamos como objetivo compreender como a presença ou ausência de experiências no campo da estética e do sensível poderiam afetar a formação e a prática profissional desses professores e daqueles ainda em formação. Para tanto,

além das propostas de vivências estéticas que levávamos contamos com os dados da observação de campo durante o desenvolvimento das atividades do curso, a avaliação das oficinas pelos participantes, realizada em rodas de conversa ao final dos encontros e, por fim, a análise de questionários aplicados com questões referentes ao perfil dos discentes, dando destaque as suas vivências artísticas e culturais.

2.1 As oficinas: Cheganças e afetamentos

Em cada uma das três oficinas nos diferentes polos, considerávamos em nosso planejamento um tempo inicial para o preparo do ambiente em que as atividades iriam ser desenvolvidas. Nosso objetivo era que o espaço e a forma como ele estava disposto já fossem um convite para que cada participante tivesse sua sensibilidade tocada e se sentisse acolhido. Com Faria (2003, p.71) entendemos que a organização do espaço físico pode ser uma estratégia de relação, onde o ambiente educacional e pedagógico estará implícito. Este espaço, portanto, é o "pano de fundo", a "moldura", adquirindo uma nova condição, a de ambiente relacional. Para tanto selecionávamos músicas relaxantes, espalhando pelos móveis da sala imagens e poesias variadas que evocassem o tema da arte e da sensibilidade e colocávamos algum aroma especial, recorrendo aos óleos essenciais e suas propriedades calmantes. Visávamos assim promover um distensionamento, a sensação de ser bem-vindo, favorecendo a disponibilidade para a participação na proposta. Intitulávamos esse momento de "Chegança". A expressão nos rostos das professoras⁵ que chegavam era de curiosidade e certo estranhamento, afinal, como depois mencionaram nos depoimentos, esperavam uma palestra, modalidade mais comum das atividades oferecidas nos pólos.

A primeira atividade foi a de circulação pelo espaço para que acessassem as poesias espalhadas, selecionassem alguma que as tocasse em especial e sentassem em círculo para compartilhamento. Ainda nesse momento havia pessoas pouco à vontade para circular, alguns braços cruzados e corpos rígidos, mesmo com a música tocando no ambiente. Essa desconfiança, no entanto, foi se dissipando conforme cada uma ia lendo a poesia escolhida e explicando o que as havia tocado no texto, proposta que fizemos em seguida. Poesias de Terezinha de Jesus, Pablo Neruda, Rubem Alves, Clarice Lispector e Leminski, dentre outros, iam instigando as falas. Alguns depoimentos suscitados após a leitura:

“Sou professora e acredito na troca entre as pessoas, na construção com os alunos, na vida. Não tem como se isolar”, afirma Raquel sobre a poesia de Neruda

“(…) A gente tem que estar sempre trocando, gosto de me comunicar, falo muito. Na educação infantil é lugar que mais escuto.”

Outra participante disse que é preciso voltar o olhar para si, que a mudança seja interna. “se agente não mudar internamente, não adianta reclamar de outras pessoas.”

5 Optamos por utilizar feminino durante todo o texto, já que a grande maioria do público atendido é do gênero feminino. Tal decisão vai ao encontro da luta pelo reconhecimento do lugar da mulher no campo social, político e econômico no contexto brasileiro e mundial.

A necessidade de estar aberto ao novo, atento ao outro, e à troca aparece na fala de uma participante: “Quem trabalha com educação tem que estar aberto para receber, para a novidade”

A necessidade de ressignificar o que já sabemos e “aprender a aprender” é mencionada em função do texto de Rubem Alves: “Estamos em constante aprendizado e precisamos nos permitir e não ficar fechados a novas aprendizagens”, diz uma participante. Outras duas afirmam: “Estamos na era das novas tecnologias, temos que aprender”, “precisamos desconstruir a ideia de que se nasce e morre assim”. Uma estudante comenta, inspirada na leitura do trecho da poesia de Clarice Lispector, sobre a influência da arte na vida das pessoas: “A arte faz as pessoas expressarem o verdadeiro eu”. Outra ainda afirma: “O corpo expressa muita coisa”.

Em seguida sugerimos que todos tirassem os sapatos para iniciar a atividade corporal. Propusemos um momento de relaxamento dirigido, com ênfase na percepção dos apoios do corpo no chão e na entrega do peso, distensionando a musculatura e levando atenção a dinâmica da respiração (o que se movimenta no corpo quando inspiramos? E ao expirar?). Após esse momento, conduzidos pela música, exploramos formas diferentes de caminhar e ocupar o espaço e a pesquisa de movimentos, propondo que criassem suas próprias danças. Os comentários e risos revelavam o ineditismo da experiência. “Pronto! Vou virar artista agora?”, dizia uma das participantes. O que parecia nos dizer o quanto a percepção da arte está apartada da vida, num patamar acima, em que o cidadão comum parece não se encontrar, a princípio, autorizado a acessar. Risos e comentários como “Ai, meu Deus!”, “Ai, meu joelho!”, foram emitidos, o que demonstra a dificuldade que muitas pareciam ter ao se expressarem corporalmente e soltar o corpo de forma livre e espontânea. No entanto, todas foram se entregando a proposta e as participantes terminaram por dançar em duplas, o que pareceu ser a alternativa menos desconfortável por exigir menos exposição.

Para a próxima dinâmica colamos nas costas de cada participante o nome de um personagem e a proposta é que saíssem pela sala procurando descobrir “quem eram”, para isso poderiam fazer perguntas indiretas aos colegas (pois esses poderiam ler os nomes dos personagens). Descobertos os nomes, dividimos todos em 4 grupos para que criassem uma história envolvendo todos os personagens. O momento da encenação foi muito descontraído e todas conseguiram interpretar com muita desenvoltura e criatividade seus papéis.

Após essa atividade, pedimos a todas que dessem as mãos e fechassem os olhos, se entregando àquele momento, e rememorassem o tempo que havíamos compartilhado: o que haviam sentido? Pensado? Cada uma escreveu ou desenhou em um papel quais as sensações as atividades da oficina despertaram e, por fim, fizemos uma roda para partilhar as impressões. Foi possível sistematizar as impressões sobre a oficina nas questões que se assemelhavam abaixo descritas:

Desconfiança e surpresa

Entre os depoimentos das participantes pode-se perceber que a proposta da oficina acaba por ser uma surpresa para as participantes que, em geral, esperavam por um formato seminário, onde ficariam sentadas e passivas diante de um emissor. Por não estarem familiarizadas com uma proposta que escapa dos moldes tradicionais de transmissão de conhecimento, percebe-se que muitas chegam à oficina bastante desconfiadas e resistentes ao que virá.

“Manhã rica, não esperava, pensei que ia ficar sentada, recebendo informação”
“Oportunidade de crescimento, pensamos em palestra e teoria. Pudemos vivenciar momento criativo, incentivou que usássemos a criatividade”
“Quando li que era oficina já entendi que não era palestra”
“A gente já carrega o papelzinho para anotar e não perder nada”
“Expectativa de palestra”.
“Expectativa, resistência, ansiedade, se eu não conseguir? Medo, vergonha no início. Depois me soltei, me abri, sorri, me esforcei, me diverti, o espírito se acalmou”.

Momento para contato consigo, pausa para reflexão sobre a vida e prática profissional

No relato de muitas participantes ficou claro que a oficina a colocou em contato consigo mesmas, com seus corpos, suas limitações, bloqueios emocionais que também limitam o movimento. As atividades propostas, seja pela leitura das poesias, pelo momento de escuta das colegas, ou as atividades corporais e de expressão criativa as fizeram refletir sobre como estavam lidando com suas limitações e emoções, mas também sobre sua prática pedagógica, sobre como poderiam levar para seus trabalhos essas experiências e reflexões para aprimorar seu trabalho.

“Paz, afeto, equilíbrio, pausa, troca, aprendizado, experiência, vamos levar para a vida”
“Vivemos na correria, não paramos para se olhar, se sentir. Foi um momento de relaxamento, perceber até onde posso me alcançar, ter equilíbrio. Vou atribuir isso à minha turma, sem cobrança”
“Foi momento de aconchego, não conheço a maioria que está aqui mas foi momento de troca, bom recebimento de todos”
“Na correria, cheguei agitada. Vou procurar algo para me deixar livre. Pelo menos 1 vez por semana. Vou aplicar com meus alunos, como posso receber deles, resolver conflitos, agregar para a vida deles e para a aula”
“Momento alegre, revigorou e edificou. Não tiramos tempo para a gente, aqui a gente teve”
“Me senti solta, livre, gostei do momento da dança. Esquecer o mundo lá fora”

A relação com o corpo

A relação com o corpo, ou falta de relação com ele, aparece em alguns depoimentos. Mas esse aspecto fica especialmente evidente ao se realizar a observação das atividades que exigem a realização de posturas de alongamento ou de expressão corporal espontânea. Percebe-se que há dificuldade das participantes em se fazer determinadas posturas de alongamento e falta de afinidade com as posições básicas propostas.

“Intimidade com o corpo traz sensações maravilhosas, ajuda a conhecer os limites do corpo”
“Respeito à simplicidade, tudo que fizemos foi simples.”
“Descoberta: estou durinha. Sou “P2⁶” e ficar sentada na roda é um sufoco”

6 Nomenclatura referente a categoria de professor do Ensino Fundamental da rede pública do Rio de Janeiro.

Liberdade, acolhimento e interação com o outro

Quando solicitamos que elas se expressassem espontaneamente por meio da dança, percebemos um incômodo inicial evidente nas expressões, mas em seguida há a sensação de que é possível, que não há julgamento, a relação com o outro é de confiança e que aquele era um espaço de liberdade e criatividade. O espaço que criamos com o grupo trouxe segurança para a experimentação.

“Leveza, liberdade, aconchego e graça. Interagir sem ser cobrada”.

“Troca com o outro. Nesse mundo de tantas tecnologias o simples é importante.”

“Harmonia, inspiração, liberdade. Um foi motivando o outro. O momento da improvisação, vivemos de planejamento no nosso dia-dia. Gosto muito daquela frase: Só sei que nada sei. Ninguém é tão bom que não precise se reinventar”

“Foi mais do que esperava (palestra). Bem estar físico, emocional, consegui me soltar. A vida é feita de aprendizado constante”

“Harmonia, paz, relaxamento. Muito positivo. Carinho”

“Alegria, carinho, liberdade. Ficamos tão focadas no dia-dia que não temos liberdade de ser quem somos”

“Agimos pensando no julgamento do outro, aqui pudemos ser livres”

“Participação, união, liberdade, se expressar e sentir feliz”

2.2 Curso de Extensão em Saquarema

O Curso de extensão em Saquarema aconteceu em dois sábados nos turnos da manhã e da tarde. Um deles no teatro da cidade e o outro em uma das escolas municipais cedida por uma professora participante. A estrutura, semelhante a das oficinas, iniciava com o ambiente preparado para acolher o grupo. No primeiro dia iniciamos com uma proposta corporal envolvendo atividades de consciência do corpo. Trabalhamos com a perspectiva de Vianna de consciência corporal que consiste na prática experimentada de reconhecimento do corpo por meio do conhecimento orientado das estruturas anátomo-fisiológicas nas suas diferentes formas e funções (Saldanha, 2009). Nesta prática o participante é convidado a direcionar a sua atenção para o próprio corpo. A partir desta conexão, o professor conduz a aula mapeando a pele, os músculos, os ossos, as articulações, os órgãos e as vísceras. O desenvolvimento desta prática propõe inicialmente este contato silencioso e interiorizado do aluno com seu próprio corpo e gradativamente é inserida a relação com os outros, com o espaço, com a música e a dança. Esta técnica corporal favorece a que a pessoa entre em contato íntimo com seu próprio corpo, inaugurando um campo de possibilidades.

Em seguida, pedimos aos participantes que se apresentassem a partir dos objetos que havíamos pedido antecipadamente, que levassem para o curso. Esse momento favoreceu a que todos trouxessem suas experiências pessoais, expectativas e se revelassem aos colegas com abertura para o compartilhamento. Após esse momento, um dos integrantes do grupo de pesquisa e extensão que é palhaço

profissional, apresentou um pequeno espetáculo, bastante interativo, despertando alegria e descontração no grupo. Na parte da tarde, após uma oficina com elementos de teatro e palhaçaria, os participantes criaram em pequenos grupos cenas inspiradas no cotidiano. Para isso levamos adereços e acompanhamos as criações. O dia encerrou com a apresentação das cenas, momentos de troca sobre as impressões referentes as experiências e um lanche partilhado.

No Segundo dia do curso, após a prática corporal que sempre dá início as atividades, apresentamos uma performance criada por nós a partir do texto de Saramago (2000) que aborda poeticamente o saber do corpo. Em seguida fizemos algumas oficinas sensoriais, dispendo diferentes objetos que aguçavam os sentidos olfativos, táteis e auditivos, discutindo a presença destes no cotidiano de cada um de nós. Nela os participantes manipularam diversos objetos com texturas, tamanhos e cores diferentes e foram estimulados a descrever as sensações que aqueles objetos lhes causavam. Ainda com o intuito de provocar ressignificações, em uma das oficinas a proposta de exercício foi “lavar” práticas pedagógicas cotidianas que ao serem substituídas por outras “limpas”, tornariam o ambiente escolar um grato lugar de vivências estéticas. Para isso, dispomos pedaços de tecido onde os participantes escreviam o que gostariam de transformar em seu cotidiano nas escolas e bacias com água. Após discussão nos pequenos grupos, um representando ia a frente de todos “lavar” seu tecido, enunciando em voz alta o que gostaria de modificar com relação a questão em foco. Essa experiência desencadeou debates sobre as questões do cotidiano nas escolas e as perspectivas de transformação desejadas pelas participantes. Finalizamos esse segundo dia do curso com um tempo para que todas planejassem atividades inspiradas no que havíamos vivenciado que seriam posteriormente propostas em suas escolas e turmas e compartilhadas por todas na rede social.

2.3 Perfil dos participantes e algumas considerações gerais

A partir dessas experiências – tanto das oficinas, quanto do curso – nos é possível apresentar alguns resultados parciais, bem como traçar um perfil dos participantes, com vistas a evidenciar mais amplamente o contexto de vida do grupo envolvido.

Do total de 75 pessoas que participaram das oficinas e curso de extensão, 98% eram mulheres e apenas 2%, homens. A maior parte dos participantes estava na faixa etária entre 18 e 30 anos (40%), seguida da faixa etária de 41 a 50 anos (26,6%), 8% dos participantes estava acima dos 51 anos. No que se refere a atuação profissional, a grande maioria já estava atuando na área educacional (77,3%), enquanto apenas 22,6% dedicava-se exclusivamente a formação profissional.

Este perfil demográfico associado aos relatos de apresentação dos participantes no primeiro momento do curso, nos permite observar que os discentes de pedagogia a distância apresentam uma rotina de vida marcada por um esforço pessoal significativo para cursar a faculdade. Muitas já estão atuando como professoras por terem formação no Curso Normal, nível técnico e após alguns anos de atuação profissional buscaram a formação universitária. Outras pessoas ainda passaram por experiências como casamento, filhos e outras intercorrências pessoais, postergando o projeto de cursar uma faculdade para um momento posterior da vida e hoje relatam a necessidade de empreender bastante esforço para manterem seus estudos, bem como a satisfação por cursar Pedagogia. Os relatos mostram que grande parte tem

uma rotina bastante corrida entre o trabalho, os cuidados da casa, da família e a faculdade, com pouco ou quase nenhum espaço para olhar para si, se auto cuidar ou mesmo incluir na rotina momentos de fruição e apreciação estética. Como relata uma participante:

“Vivemos na correria, não paramos para nos olhar, se sentir. Foi um momento de relaxamento [participar da oficina], perceber até onde posso me alcançar, ter equilíbrio”.

O distanciamento das participantes em relação ao seu corpo e as suas necessidades mais subjetivas - o que permite a abertura para o sensível – evidenciou-se nos relatos das participantes que necessitam de tempo para elas diante da correria do dia-dia. Pode-se observar que as atividades relacionadas ao corpo propostas nas oficinas (alongamento / dança) revelaram a falta de hábito das participantes em movimentar os corpos com liberdade, espontaneidade. Muitas se descobriram “enferrujadas” o que percebem afetar diretamente suas práticas profissionais: “Vou confessar uma descoberta: estou durinha. Sou “P2” e ficar sentada na roda é um sufoco”.

Quando perguntadas sobre a frequência com que vivenciam experiências culturais, entre cinema, teatro, shows, exposições, um número expressivo de pessoas afirmaram raramente ter contato com esses tipos de experiências estéticas (29,3%). 33,3% afirmou frequentar 1 vez por mês esse tipo de atividade, e 4% (três pessoas) afirmaram nunca ter vivenciado qualquer experiência estética. O fato de viverem em cidades com pouca oferta de experiências artísticas também aprofunda o distanciamento das alunas da modalidade de ensino a distância (EAD) das experiências estéticas, representada na fala de uma das participantes que disse ser aquela a primeira vez que assistia e participava de uma encenação teatral, "um sonho realizado".

Foi possível observar que a vivência no curso proporcionou um maior conhecimento ou reconhecimento da presença corpórea e da abertura para o sensível e para a arte a partir das abordagens propostas em que tiveram que usar a voz, os gestos a encenação ou alongamentos. Percebe-se que o corpo mais uma vez é alienado para a produção e para o trabalho, restando pouco espaço para que as participantes possam se atentar para ele como casa, espaço de internalização das experiências e equilíbrio. Essa alienação do corpo contribui inclusive para dificultar ações simples do dia a dia profissional de algumas participantes. A participação no curso trouxe pra elas a reflexão sobre como essa desconexão afeta sua prática pedagógica, trazendo o desejo de tornar suas aulas mais lúdicas, quebrando a rotina “tradicional”, automatizada.

“Na correria, cheguei agitada. Vou procurar algo para me deixar livre. Pelo menos 1 vez por semana . Vou aplicar com meus alunos, como posso receber deles, resolver conflitos, agregar para a vida deles e para a aula”

Entendemos que, embora seja difícil mensurar e ou quantificar os aspectos do sensível, cada um é afetado ao seu tempo e à sua maneira de forma única. O contato com o sensível, portanto, não se dá apenas por vias formais de ensino, mas consiste em deixar o corpo e mente abertos para o "maravilhamento" do mundo, o que infelizmente, a sociedade contemporânea tem minado diante de uma lógica produtivista em que os corpos são entendidos como ferramentas de trabalho. Assim, em contextos em que o trabalho e a vida prática estão voltados para a produção da subsistência, a arte, a cultura e as experiências estéticas são entendidas como algo supérfluo ou pouco importante diante da necessidade pragmática de se ter que ganhar a vida, como é a realidade da maioria dos alunos de Pedagogia EAD que conciliam estudo e trabalho e trajetórias de vida em que a educação teve que ser colocada em segundo plano em função da necessidade de sustento.

Quando foi solicitado que elas se expressassem espontaneamente por meio da dança, por exemplo, evidenciou-se um certo desconforto, o que parece indicar o quanto estamos desacostumados a deixar fluir a espontaneidade, as emoções, as expressões corporais, enfim o sensível. A razão está no comando e alerta: "você está sendo observada e não deve se expor". Foi preciso alguns minutos para que as participantes se sentissem seguras, permitindo-se a sensação de que era possível, que não haveria julgamento, de que a relação com o outro seria de confiança e que aquele era um espaço de liberdade e criatividade, um tipo de expressão pouco acessado para a maioria na maior parte do tempo.

"Foi mais do que esperava. Bem estar físico, emocional, consegui me soltar. A vida é feita de aprendizado constante"

"Alegria, carinho, liberdade. Ficamos tão focadas no dia-dia que não temos liberdade de ser quem somos"

"Agimos pensando no julgamento do outro, aqui pudemos ser livres"

Pudemos observar ao final das atividades corpos relaxados, despojados, jogados - literalmente - no chão, afetados pelo que vivenciaram e abertos - essa é nossa aposta - a serem afetados pelo que encontrarem pelo caminho, apontando um desejo legítimo de ressignificarem suas práticas profissionais, colocarem mais leveza, beleza e sensibilidade no trabalho em sala de aula, nas relação com os educandos e nas relações pessoais.

Outro aspecto que apareceu muito forte nos relatos das participantes foi a necessidade e desejo de aproximação entre teoria e prática. Alguns relatos evidenciaram a percepção por parte do grupo da defasagem entre a teoria e a prática no currículo de EAD e o desejo de vivenciarem com maior frequência momentos de contato com outros colegas e o acesso a novas experiências são desejados por elas.

"A gente tem muita teoria em relação a trazer o corpo, a arte e a expressividade pra dentro da nossa pedagogia. Aqui foi uma aprendizagem, uma forma de pensar e fazer educação. Esse momento é uma prática"

"Momento pra conhecer, trocar experiência, no EAD não temos esse contato pra trocar, foi uma manhã proveitosa. A gente se exercitou, se conheceu, fez contato com o corpo."

A vivência estética contribuiu para que os participantes refletissem sobre suas práticas pedagógicas, trazendo o desejo de tornar suas aulas mais lúdicas,

desengessando e ressignificando sua prática. Concluímos que o currículo de EAD precisa incluir uma maior aproximação dos alunos com as experiências estéticas, uma vez que constatamos que a grande maioria tem pouco acesso a essas experiências na vida pessoal e a formação parece favorecer pouco essa fruição. Assim, o currículo EAD precisa fazer um esforço para que os alunos acessem vivências estéticas e sensíveis para além da leitura de conteúdos e teorias pertinentes a essa modalidade de ensino. Este tipo de formação que entende o educando como sujeito pleno e não compartimentado entre corpo e mente, visa fazê-lo acessar e valorizar os "conhecimentos presentes na cultura onde vive e a redescobrir saberes que, por esquecidos, tendem ao desaparecimento" (JUNIOR, 2000, p 189).

Alguns depoimentos revelam a potência mobilizadora das experiências vivenciadas (relatos de participantes das oficinas propostas em Saquarema 05/11/16):

"Minha palavra é gratidão, adorei, chamamos até as meninas colegas nossas elas disseram: - ah não... vai ser a mesma coisa...não vou não... chagar lá vou dizer para elas que não foi, a mesma coisa, que foi muito melhor e que elas perderam".

"Bom ... dá vontade de levar vocês pra casa, foi maravilhoso! Eu gostei, aproveitei, como todas né...aproveitaram bastante, e aquele primeiro momento de relaxar no espaço, né... a gente passa quase que o ano todo naquela tensão, aquela coisa e isso foi muito importante, todos vocês foram maravilhosos estão de parabéns!"

"Eu tô relaxada até agora! (risos) sério... pra mim foi surpreendente por que eu pensei que ia chegar aqui e ser teoria teoria teoria... achei que ia ser isso (risos) com certza,por que fulano fala isso, fulano fala aquilo, realmente na hora que eu vim, até comentei com ela ali, tava chovendo pra cacete pensei não vou não, eu ia me arrepender de não ter vindo."

Pudemos notar que os participantes perceberem o quanto o trabalho corporal que desmecaniza o corpo é importante para promover a percepção deste como canal de se preceber no mundo e é incalculável a riqueza que esta premissa proporciona principalmente para a ação pedagógica pois resgata o sensível na construção do conhecimento.

A experiência das oficinas oportunizou um encaminhamento nas linguagens artísticas inesperado pelos participantes, partindo da sutileza do entendimento de cada um do que é estética e de sua percepção de mundo. Para além do conhecimento teórico, participar das oficinas trouxe significado ao estudo acadêmico:

"Pra mim assim foi incrível uma experiência maravilhosa adquirimos assim conhecimento pra mente, pro corpo e assim foi incrível não tem palavra que descreva e como eu botei no meu relato é muito bom saber que nós da educação a distância não estamos abandonados, não estamos naquela coisa só da teoria ali sem nada diferente. A gente passa o semestre inteiro sem nada, só aquela coisa de AP, AD, AP, AD, AP, AD⁸ quando você ve o semestre passou e você não vê nada de interessante foi aquela coisa só no teórico então assim foi maravilhoso nota 10, nota mil, não tenho palavras pra descrever".

Entende-se portanto que, as práticas pedagógicas precisam de novas possibilidades pois o profissional de educação necessita de experiências que integrem a dimensão sensível do aprendizado.

Palavras Finais

Diante do exposto destacamos que a formação integral do pedagogo passa pela experimentação da estesia (campo das sensações e sensibilidade) que poderá imprimir no profissional uma ação pedagógica mais sensível e reflexiva pois somente por meio dessa perspectiva é possível entender e respeitar as diferenças entre as pessoas e suas visões de mundo. A educação estética desenvolve potencialidades, valoriza o prazer e torna a prática educativa mais diversificada.

A formação do pedagogo não pode se limitar a aspectos técnicos, didáticos e pedagógicos, ela precisa integrar experimentações que envolvam a arte, só assim haverá condições para uma educação com amor, autonomia, efetivamente libertadora, independente, que busque possibilitar maior criticidade e consciência em relação ao mundo.

Nessa perspectiva, atuar na educação é possibilitar um novo olhar, ouvir e interpretar a realidade de forma mais crítica, além do que é esperado e com estas ações, propiciar o objetivo 4 da agenda 2030 da ONU.

Negar a realidade do sensível, sua multiplicidade de significados e o poder da educação estética como fonte de conhecimento e sensibilização é negar a natureza humana, pois, não há oposição entre o sensível e o inteligível no processo de aprendizagem, eles são complementares uma vez que o que nos afeta, influencia no desenvolvimento de nossa personalidade e capacidade intelectual, ampliando nosso olhar e enriquecendo nossas vivências.

É preciso inserir vivências estéticas na formação do pedagogo e resgatar aquilo de que tanto se carece atualmente em diversos âmbitos da vida: A SENSIBILIDADE.

Referências:

DUARTE JR., João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Curitiba, PR: Criar edições, 2004.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 234f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

DUVIDOVICH, Marina Luar. **O sensível elo entre a pessoa que dança e a pessoa que ensina: quando a sabedoria das danças circulares sagradas toca a educação**. Projeto de dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense. Niterói, RJ, junho, 2017.

EISNER, Elliot E. **O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação?** Currículo sem Fronteiras, v. 8, n. 2, p. 5-17, jul.-dez. 2008. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol8iss2articles/eisner.pdf>

FERREIRA, Luciana Haddad (ORG.). **Arte de olhar: percursos em educação**. São Paulo: Ed. Ilion, 2011.

FERREIRA, Michelle Dantas. **Espiando pelas FRESTAS de um grupo de pesquisa: diálogos sobre Educação Estética, Arte e Formação de Professores**. In: II SEMINÁRIO DE ARTE, EDUCAÇÃO E CULTURAS DO ESPAÇO CULTURAL DO COLÉGIO PEDRO II: TRAMAS PARA REENCANTAR O MUNDO, 2016, Rio de Janeiro. No Prelo.

FARIA, Ana Lúcia G. **O espaço físico como um dos elementos fundamentais para uma pedagogia infantil**. In: FARIA, Ana Lúcia G. e PALHARES, Mariana (orgs). Educação infantil pós - LDB: rumos e desafios. Campinas: Autores associados, 4ª edição, 2003, p.067-100.

FERREIRA, Michelle Dantas. et al. **Formação sem Fôrma: a singularidade do processo de ser professor**. In: ANFOPE - XII ENCONTRO ESTADUAL RJ, X ENCONTRO REGIONAL SUDESTE: FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM TEMPOS DE CRISE: DESAFIOS E RESISTÊNCIAS, 2016, Rio de Janeiro. No Prelo.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

KRAMER, Sonia (org.) **Profissionais de educação infantil, gestão e formação**. São Paulo: Ática, 2005.

LARROSA, Jorge. **Sobre a lição. Linguagem e educação depois de Babel**. Trad. Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MORIN, E. **O Método I - A natureza da natureza**. Portugal, Publicações Europa-América, 2002.

SALDANHA, Suzana (Org). **Angel Vianna - Sistema, método ou técnica?**. São Paulo: Funarte, 2009.

SARAMAGO, J. **A caverna**. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras, 2000.

SOARES, Maria Luiza Passos. **Educação Estética: investigando possibilidades a partir de um grupo de professoras**. 2008. 102 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Vale do Itajaí, Faculdade de Educação, Itajaí, SC. 2008.

TRIERWEILLER, Pricilla Cristine. **Repertórios artístico-culturais de professores da educação infantil: discursos e sentidos estéticos.** In ROCHA, Eloisa A. C.; KRAMER, Sonia (ORGS.). *Educação Infantil: enfoques em diálogo.* Campinas, SP: Papirus, 2013.

Recebido em: 04 de abril de 2017

Aceito em: 28 de maio de 2017